

Desafios da transferência erótica na clínica psicanalítica

Ricardo Cataneo¹

O conceito de transferência formulado por Freud foi um elemento fundamental que possibilitou muitas descobertas para o desenvolvimento e aprimoramento da clínica psicanalítica. Uma das suas características é que ela pode adquirir um caráter erótico, relacionado à necessidade de demanda de amor que tem origem nas relações do passado, constituindo um dos complexos infantis inconscientes. Não foi uma tarefa simples para Freud defrontar-se com o poder da transferência. Na história da psicanálise, o primeiro exemplo onde a transferência impediu que o tratamento terapêutico tivesse continuidade e obtivesse resultados positivos foi o caso de Ana O. Sendo paciente de Breuer, Ana O. atuou sua transferência ao se declarar “apaixonada” pelo seu médico. Breuer, assustado com o fato, decidiu interromper o tratamento, já que não compreendia os motivos das atitudes de sua paciente. Freud, ao tomar conhecimento deste caso, também não pode entender os aspectos transferenciais da paciente, tampouco a reação contratransferencial de seu amigo, que saiu em viagem com sua esposa para garantir a continuidade de seu casamento. Foi neste trabalho, *Estudos sobre a Histeria (1893-1895/2016)*, que Freud empregou pela primeira vez o termo “transferência” no sentido de resistência, um falso enlace, uma forma de obstáculo ao processo analítico, tendo como objetivo evitar o contato com os conteúdos infantis inconscientes. Em *Fragmentos da Análise de um Caso de Histeria (1905/2016)*, postulou que sua paciente Dora não recordava nada daquilo que fora reprimido e esquecido, porém atuava este conteúdo de maneira repetitiva e sem ter consciência disto. A partir deste momento, a transferência adquiriu outro lugar na teoria. Até então Freud a considerava apenas uma resistência, um obstáculo para o bom andamento da análise, por interromper o fluxo associativo. Em 1909, em seu conhecido caso sobre o Homem dos Ratos, passa a ver a transferência como um caminho penoso, mas necessário, como um legítimo agente terapêutico. Em seu primeiro trabalho especificamente sobre a transferência, Freud afirma: “Tenhamos presente que todo ser humano, pela ação conjunta de sua disposição inata e de influências experimentadas na infância, adquire um certo modo característico de conduzir sua vida amorosa, isto é, as condições que estabelece para o amor, os instintos que satisfaz então, os objetivos que se coloca” (Freud, 1912/2010, p. 134). Esta compreensão a respeito dos impulsos que determinam a vida amorosa busca esclarecer as origens da transferência, fenômeno presente no

¹ Psicólogo, especialista em teoria psicanalítica e a clínica com adultos, Integrante do corpo clínico do Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinaridade.

processo de psicoterapia psicanalítica. A ênfase na transferência como repetição encontra-se em seu texto de 1912, Recordar, Repetir e Elaborar. Ali Freud afirma que “[...] o analisando repete em vez de lembrar, repete sob a condição de resistência”. Importante destacar que a transferência, enquanto atuação, torna-se fator de resistência. Por outro lado, ao repetir, o paciente está expressando seus mais íntimos conflitos. Freud referia-se à transferência erótica pelo termo amor de transferência e deixava claro em sua obra - mais especificamente em Observações sobre o Amor de Transferência - a dificuldade que surgia com o aparecimento e o manejo de tal ocorrência. Para ele, o amor de transferência, ou transferência amorosa, ocorria quando o(a) paciente se dizia apaixonado(a) pelo médico. Freud deixava claro que este amor era induzido pela situação analítica e não podia ser atribuído aos encantos do terapeuta. Mesmo reconhecendo que o surgimento desta solicitação de amor tem uma enorme participação da resistência, Freud alertava para que não se confundisse com o amor verdadeiro e também alertava para os problemas que poderiam surgir com a tentativa de reprimir a expressão desse amor pelos pacientes, não sendo essa uma maneira analítica e sim absurda de agir. “Seria o mesmo que habilmente conjurar um espírito a sair do mundo subterrâneo e depois mandá-lo de volta, sem fazer perguntas”. (Freud, 1915/2010, p. 217). Conforme Freud (1915, p.214), “[...] Há uma mudança completa do cenário, como quando uma brincadeira dá lugar a uma realidade que irrompe inesperadamente, como um grito de “Incêndio!”, lançado no meio de uma apresentação teatral. Para o médico que pela primeira vez tem tal experiência, não é fácil manter a situação analítica e escapar a ilusão de que o tratamento chegou de fato ao fim”. Buscando compreender e encontrar os meios ideais para trabalhar a transferência erótica, retomamos o texto de 1915, onde Freud apresenta o manejo que o analista deverá assumir para trabalhar os anseios amorosos do paciente, deixando claro que a técnica exige que o médico não satisfaça a necessidade de amor solicitado pelo paciente. “Quero é estabelecer como princípio que devemos deixar que a necessidade e o anseio continuem a existir, na paciente, como forças impulsionadoras do trabalho e da mudança, e não procurar mitigá-los através de sucedâneos.” (Freud, 1915/2010, p.218-219). Assim como Freud colocou, se juntarmos à ideia de permitir que o conteúdo erótico possa aparecer com a dose necessária de paciência, em geral conseguiremos superar a situação e continuar o trabalho, trabalho cujo objetivo é revelar a escolha infantil de objeto e as fantasias que em torno dela se constroem. (Freud, 1915/2010). Santos (Santos at. al, 2006) cita também que a compreensão, levada mais longe e até mesmo fora da sessão, o que se entende por análise pessoal, possibilitará compreender o que é do mundo interno do paciente e que ligou-se ao mundo interno do terapeuta, na relação transferência-contratransferência que surgiu. “Embora o paciente possa

representar um objeto do passado do terapeuta, proibido, mas sexualmente excitante, o fato de o terapeuta desejar o paciente também pode estar ligado ao atual desejo incestuoso de uma figura parental da fase edípica do paciente” (p.228). De qualquer forma, sempre é difícil para qualquer analista defrontar-se com estes sentimentos contratransferenciais, especialmente os de natureza erótica. O desenvolvimento dessa situação vai depender de como o analista consegue lidar com suas próprias angústias. (Fetter et. al., 2007, p.138). Poder-se-ia ampliar a discussão sobre contratransferência, mas este não é o alvo principal deste trabalho. Tratando-se de um dos elementos chave da técnica psicanalítica, o fenômeno da transferência tem uma importante contribuição para a compreensão dos processos e conflitos inconscientes do sujeito. Sendo uma reedição das fantasias infantis inconscientes dirigidas à figura do terapeuta quando falamos de psicoterapia, é através da relação transferencial que obtemos informações importantes do passado do paciente. O que esperar como meta psicoterápica neste caso? Pensa-se que poder o paciente ter acesso a seus conflitos infantis e seus reflexos na atualidade irá possibilitá-lo sublimar estes impulsos, direcionando-os de forma mais livre para outras áreas de sua vida. Claro que sempre será necessário manter uma quantidade pulsional a ser realizada corporalmente.

Palavras-chave: Transferência; Erótica; Psicanálise.

Referências Bibliográficas

- Fetter, I. S. C. &Fetter, H. H. P. & Fontoura, H. O. P. (2007). A contratransferência na homossexualidade e nas situações perversas. In: Zaslavsky, J. & dos Santos, M. (org.). *Contratransferência: teoria e prática clínica* (pp. 134-149). Porto Alegre: Artmed.
- Freud, S. (2010). A dinâmica da transferência. In S. Freud, *Obras Completas de Sigmund Freud*. (P.C. Souza, trad., Vol. 10, pp. 133-146) São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912).
- Freud, S. (2016). Estudos sobre a histeria. In S. Freud, *Obras Completas de Sigmund Freud*. (P.C. Souza, trad., Vol. 2) São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1893-1895).

- Freud, S. (2010). Observações sobre o amor de transferência. In S. Freud, *Obras Completas de Sigmund Freud*. (P.C. Souza, trad., Vol. 10, pp. 210-228) São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2010). Recordar, repetir e elaborar. In S. Freud, *Obras Completas de Sigmund Freud*. (P.C. Souza, trad., Vol. 10, pp. 193-209) São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Santos, M. J. P. & Bolognesi, G. & Mirândola, L. A. (2007). A Contratransferência erótica. In: Zaslavsky, J. & dos Santos, M. (org.). *Contratransferência: teoria e prática clínica* (pp. 224-235). Porto Alegre: Artmed.